

VARIAÇÕES INTERÉTNICAS

etnicidade, conflito e transformações



Organizadores

Stephen Grant Baines
Cristhian Teófilo da Silva
David Ivan Rezende Fleischer
Rodrigo Paranhos Faleiro



VARIAÇÕES INTERÉTNICAS

etnicidade, conflito e transformações

Ministério do Meio Ambiente
Izabella Teixeira

**Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos
Recursos Naturais Renováveis**
Curt Trennepohl

Diretoria de Planejamento, Administração e Logística
Edmundo Soares do Nascimento Filho

Centro Nacional de Informação Ambiental
Jorditânea Souto



VARIAÇÕES INTERÉTNICAS

etnicidade, conflito e transformações

Organizadores

Stephen Grant Baines
Cristhian Teófilo da Silva
David Ivan Rezende Fleischer
Rodrigo Paranhos Faleiro

Brasília, 2012

EDIÇÃO

Universidade de Brasília – UnB
Instituto Internacional de Educação do Brasil – IEB
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre as Américas – CEPPAC
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos
Naturais Renováveis – Ibama

Produção Editorial

Centro Nacional de Informação Ambiental – Cnia

SCEN - Trecho 2 - Bloco C - Edifício-Sede do Ibama

CEP 70818-900, Brasília, DF - Brasil

Telefones: (61) 3316-1225/3316-1294

Fax: (61) 3307-1987

<http://www.ibama.gov.br>

e-mail: editora@ibama.gov.br

Equipe Técnica

Capa e diagramação

Paulo Luna

Normalização bibliográfica

Helionídia C. Oliveira

Revisão

Maria José Teixeira

Enrique Calaf

Vitória Adail Brito

Catálogo na Fonte

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

V299 Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações – Stephen Grant Baines...[et al.]. Organizadores. – Brasília: Ibama; UnB/Ceppac; IEB, 2012.

560 p. : il, color. ; 21 cm

ISBN 978-85-7300-362-8

1. Etnia. 2. Índio. 3. Recursos naturais. 4. Desenvolvimento sustentável. I. Baines, Stephen Grant. II. Silva, Cristhian Teófilo da. III. Fleischer, David Ivan. IV. Faleiro, Rodrigo Paranhos. V. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. VII. Cnia. VIII. IEB. IX. UnB. X. Título.

CDU(2.ed.)502.175(047)



Atribuição-Uso não-comercial-Compartilhamento pela mesma licença
CC BY-NC-SA

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Agradecemos

*À Jorditânea Souto,
ao Paulo Luna e à equipe
do setor de editoração do Ibama,
ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos Comparados sobre as Américas
do CEPPAC/UnB
e à Maria José Gontijo
do Instituto Internacional de
Educação do Brasil.*

Sumário

Apresentação 11

Introdução 13

Primeira variação: identidade, movimento e territorialização

Capítulo 1 Contatos interétnicos em regiões de fronteiras:
a visão dos Ticuna e dos Galibi do Oiapoque. 19
Claudia López Garcés

Capítulo 2 Memória, identidade e território dos Arara:
uma análise a partir do contexto de identificação da Terra
Indígena Arara do Igarapé Humaitá/AC, Brasil. 43
Cloude de Souza Correia

Capítulo 3 Os Laklãñõ na região do Alto Vale do Itajaí, estado de Santa
Catarina, Brasil. 59
Alexandro Machado Namem

Capítulo 4 Wyty-Catê: cultura e política de um movimento
Pan-Timbira. 97
Jaime Garcia Siqueira

Capítulo 5 Uma aventura entre a cruz e a espada que mudou a história:
20 anos de luta indígena no Rio Negro. 129
Gersem José Santos Luciano

Segunda variação: desenvolvimento e meio ambiente

Capítulo 6 A natureza dos povos indígenas e os povos indígenas e a
natureza: novos paradigmas, desenvolvimento sustentável e a
politização do bom selvagem. 165
Thiago Ávila (in memoriam)

Capítulo 7	Trocando vitalidade: um exemplo de manejo ecológico no noroeste amazônico. 177 <i>Luis Cayón</i>
Capítulo 8	Ecoturismo e conservação no litoral norte da Bahia: um olhar sobre a interação entre cientistas conservacionistas e a comunidade costeira. 205 <i>David Ivan Fleischer</i>
Capítulo 9	Os Tremembé do litoral nordestino e um empreendimento turístico internacional. 229 <i>Isis Maria Cunha Lustosa e Stephen G. Baines</i>
Capítulo 10	São Thomé das Letras e São Jorge: gênese, conflito e identidade na constituição dos atrativos para um mercado turístico. 247 <i>David Ivan Fleischer e Rodrigo Paranhos Faleiro</i>
Capítulo 11	Dois conceitos articuladores no contexto indigenista de Roraima: projeto e desenvolvimento.283 <i>Maxim Repetto</i>
Terceira variação: conflitos, direitos e Estado	
Capítulo 12	Náwa, índios ou ribeirinhos? Quando os órgãos públicos entram em conflito. 321 <i>Rodrigo Paranhos Faleiro</i>
Capítulo 13	Conflito socioambiental sobre a gestão dos recursos naturais e simbólicos do território do Monte Pascoal e seu entorno. 339 <i>Luís Guilherme Resende de Assis</i>
Capítulo 14	Projeto de mineração do São Francisco e da Terra Indígena Araré/MT: um caso de negação ao exercício da governança local 351 <i>Cláudia Tereza Signori Franco</i>
Capítulo 15	A identificação de terras indígenas como objeto de investigação antropológica. 367 <i>Rodrigo Pádua Rodrigues Chaves</i>

Quarta variação: etnicidade, midiaticização e outras metamorfoses

- Capítulo 16 Por uma Antropologia visual das relações interétnicas: impressões sobre a exclusão social e a inclusão da arte indígena em Vancouver, Canadá. 399
Cristhian Teófilo da Silva
- Capítulo 17 Além da técnica: o simbólico nas artes indígenas. 419
Katianne de Sousa Almeida
- Capítulo 18 Um estudo das transformações musicais e festivas entre os Kalunga de Teresina de Goiás, Brasil. 447
Thais Teixeira de Siqueira
- Capítulo 19 Los petroglifos de América del Sur. 467
Santiago Plata Rodríguez
- Capítulo 20 Comentários sobre Yanomamo Series. 479
Maria Inês Smiljanic
- Capítulo 21 Metamorfoses Sanumá e a subjetivação dos objetos. 497
Sílvia Guimarães

Quinta variação: perspectivas extracontinentais

- Capítulo 22 Identidades sociais no Líbano: sectarismo, etnicidade e outras variáveis. 511
Leonardo Schiocchet
- Capítulo 23 De anedotas antropológicas a perspectivas do contato em África: reflexões Herero. 539
Josué Tomasini Castro

Apresentação

Está completando 15 anos que o Grupo de Estudos em Relações Interétnicas (Geri) surgiu, em 1997, a partir de uma conversa entre Maxim Repetto que, à época, estava cursando o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, e Stephen G. Baines, professor do Departamento de Antropologia, que vem coordenando o Grupo desde o início. Nos anos anteriores, organizamos alguns seminários sobre temas relacionados à etnologia indígena com enfoque em relações interétnicas, e com a criação do Geri, sistematizamos reuniões informais em que alunos da pós-graduação e da graduação em Antropologia, professores, indigenistas e outros podiam apresentar suas pesquisas relacionadas a temas de relações interétnicas, no sentido amplo. As reuniões do Geri, que vêm acontecendo de três em três semanas, nas tardes de sextas-feiras, tornaram-se um espaço para discutir pesquisas em andamento, teses de doutorado e dissertações de mestrado e de graduação em fase de elaboração final ou já defendidas, além de trabalhos de indigenistas interessados em compartilhá-los num ambiente acadêmico com a presença de alguns dos alunos mais dedicados do Departamento de Antropologia. As reuniões do Geri representam um espaço para discussões livres de professores e alunos, muitos dos quais trabalham em etnologia indígena, mas não exclusivamente, abrangendo outras pesquisas que lidam com relações interétnicas.

Com a saída de Maxim Repetto para realizar sua pesquisa de campo sobre organizações indígenas e educação superior indígena em Roraima e, posteriormente, para assumir o cargo de professor concursado do Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena na Universidade Federal de Roraima, outros alunos e ex-alunos do Departamento de Antropologia da UnB (DAN) assumiram voluntariamente a organização das reuniões do Geri. Foi criada uma home page no site da UnB com a colaboração de Maxim Repetto e, posteriormente, de Cristhian Teófilo da Silva, então aluno de doutorado do Departamento de Antropologia, depois professor concursado do Ceppac/UnB. Em 2006, o Geri passou a constar como evento de extensão da UnB, atraindo mais alunos e pessoas interessadas.

A partir de 2009, o Geri foi ampliado incluindo o Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre América Latina e Caribe (Ceppac), da UnB, tendo os professores Stephen G. Baines e Cristhian Teófilo da Silva como coordenadores pelo DAN e pelo Ceppac, respectivamente.

Ao completar 10 anos, o Geri e os seus atuais colaboradores Cristhian Teófilo da Silva e Rodrigo Paranhos sugeriram a publicação de um livro que reunisse alguns dos trabalhos apresentados. A resposta nos surpreendeu e muitas pessoas expressaram seu interesse em publicar artigos baseados nas suas apresentações.

A partir de intenso diálogo com os autores, que perdurou 3 anos, os quatro organizadores deste livro prepararam o material que o compõe. Em seguida, ao iniciarem os contatos com possíveis editoras que pudessem editá-lo, foram surpreendidos com a manifestação de interesse de quatro delas. Após quase um ano de negociação com várias editoras interessadas na publicação, o livro foi encaminhado às Edições Ibama, que realizou os serviços de editoração e disponibilizou o livro gratuitamente em seu catálogo virtual. Já a impressão desse livro foi viabilizada graças ao apoio financeiro de coeditores, Instituto Internacional de Educação do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do CEPPAC da Universidade de Brasília, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas e Departamento de Antropologia.

O conjunto de trabalhos disponibilizados neste livro reforça a seriedade de experiências nascidas na informalidade ou no compromisso com um tema. Dividida em cinco partes, a obra contempla com excelência temas e recortes ainda pouco explorados, abrindo espaço para novas discussões e reflexões no campo das relações interétnicas. Com este livro, convidamos os leitores a navegarem por essas páginas em uma singular experimentação de alteridade por meio das relações interétnicas.

QUARTA VARIACÃO

etnicidade, midiatização
e outras metamorfoses



Capítulo 19

Los petroglifos de América del Sur

Santiago Plata Rodríguez

Introducción

El proyecto de Creación e Investigación, denominado **“Aportes a la Divulgación y Protección del Arte Rupestre Suramericano”**, que he venido desarrollando desde hace 5 años, a través del Estudio de Campo, en locales previamente establecidos, realizado hasta el momento en Colombia, Ecuador, Perú, Bolivia, Chile, Argentina, Uruguay, Paraguay, Brasil y posteriormente las Guayanas y Venezuela, pretende contribuir, desde la óptica estética y subjetiva de las Bellas Artes, no solo hacer conocer, algunas transcripciones petroglíficas, en dimensiones reales, de las esculturas líticas en bajo relieve (Petroglifos), de nuestro Continente, elaboradas por los pueblos pe-colombinos, utilizando técnicas artísticas sencillas (Frottages) sino también a través del inventario iconográfico, buscando imaginarios identitarios, y contribuir en la sensibilización humana para la preservación de este legado cultural, mediante conferencias-conversatorios talleres y coyunturalmente exaltar a los primeros artistas que tuvo nuestro continente, al lograr exponer sus obras escultóricas en Centros Culturales, Galerías de Arte, Casas de la Cultura, Centros Docentes, a través de este mensajero, que sigue las huellas de sus ancestros.

El mencionado proyecto, avalado por la Universidad Nacional de Colombia, abarca solamente el Estudio de la vertiente más numerosa del Arte rupestre: Los Petroglifos. No pretende suplantar o desconocer el extenso trabajo investigativo de las Ciencias mas correlacionadas con este tema, como son la Antropología, la Arqueología y la Historia, soportes fundamentales en el desarrollo de este macro proyecto.

Memorias líticas de una transitoriedad iconográfica cosmovisional

En América del Sur son innumerables los locales rupestres (Aleros rocosos, grutas, cuevas, y grandes piedras) verdaderos sitios arqueológicos que albergan aun

expresiones y gestos humanos dejados a miles de años atrás. Estos locales, muchos de ellos de difícil acceso, no solo se destacan por lo privilegiado de sus bondades y virtudes naturales (caza, Protección, paisaje) sino también por un profundo trasfondo místico, estratégico, energético y de dominio bélico. Locales donde nuestros ancestros dejaron registrado sobre las rocas parte de su pensamiento y estética, mostrando así un verdadero sentido interactivo y de pertenencia con el paisaje.

Dicho sentido de interactividad y transitoriedad lo he venido vivenciando directamente durante los últimos cinco años de mi vida, en un periplo investigativo a lo largo y ancho del continente Sur Americano, recorriendo los caminos prehistóricos de América del Sur, en bicicleta, permitiéndome de esta manera generar un vínculo armónico mucho mas íntimo y propio con el paisaje y permitiéndome desde esta perspectiva tener una visión mucho más sensible frente a las mudanzas y variaciones culturales, geográficas y biológicas del paisaje y que desde luego repercuten en las iconografías a estudiar, copiar y registrar, es decir que la interrelación de un área cultural con un área geográfica está íntimamente ligado a temas de territorialidad, territorios que constantemente están siendo modificados, conquistados y dominados mostrándose esto ante nosotros simplemente de forma iconográfica. Es importante observar en estos procesos de antropofagia iconográfica como el grupo dominante omite e implementa nuevas temáticas iconográficas y composicionales a su estilo propio, generando de esta manera una nueva serie de estrategias y estructuras representativas, lógicamente influenciadas por elementos composicionales simbólicos, cosmovisionales y tecnológicos tomados de la cultura sometida, dando como resultado estilizaciones e hibridaciones estilísticas que nos permiten ver de cerca como las iconografías unas a otras se devoran, derivando en nuevas familias estilísticas fuertemente emparentadas, conservando rasgos primigenios de cada una de sus respectivas áreas culturales específicas. Es como si cada una de ellas legitimara su espacio en medio de un fenómeno de mutación iconográfica por parentesco forzado o armónico. Este caso lo podemos ver bien claro en el caso de los petroglifos de Orucum - Brasil – y los parecidos petroglifos de Mutum-Bolivia. Un caso de mayor de transitoriedad es el presentado entre estos dos mismos locales, anteriormente descritos y el de la Meseta del Lago Buenos Aires en la Patagonia - Argentina, donde encontramos iconografías idénticas, mostrándose así ante nosotros un enorme sentido de transitoriedad iconográfico, teniendo en cuenta que la distancia es de 6.000kms de un lugar a otro. Dichos rasgos de parentesco iconográficos nos permite entender mejor los fenómenos de ocupación del territorio Sur americano en la pre-Historia.

Tales memorias de ocupación y transitoriedad iconográfica se pueden observar kilometro a kilometro y local tras local, en este recorrido por el continente Sur Americano, el cual me ha permitido observar claramente como a medida que se avanza geográficamente, paralelamente, en términos plásticos e iconográficos, los petroglifos se van sofisticando o metamorfoseando, algunas veces en sentidos muy estilizados, otras veces un tanto más hoscas o primitivas, mostrándose ante mi así: cronologías, tecnologías, influencias y múltiples ocupaciones ,en geografías diversas, evidenciando así un enorme sentido de interrelaciones étnicas y tribales lo cual da sentido a esta enorme transitoriedad de iconografías.

Dicho sentido de transitoriedad iconográfica adquiere mucha importancia y relevancia en las sociedades nómades de hombres y clanes errabundos (cazadores y recolectores nómadas) que paso a paso fueron poblando y conquistando el amplio territorio continental, dejando a su paso marcas y símbolos que expresan su presencia y territorialidad, territorialidad que era reconocida y legitimada mediante las marcas iconográficas de diseños estilísticos o patrones simbólicos que eran transmitidos generacionalmente de padres a hijos en forma sucesiva. Estos símbolos, patrones y dibujos viajaban grabados en la memoria de sus portadores y responsables por la propagación de dicha simbología, hasta encontrar nuevos territorios y piedras para grabar en estas la información almacenada en su memoria, durante un proceso generacional continuado. Es de imaginar que durante estos procesos de reconversión o rememorización de imágenes grabadas de la memoria a la piedra, la imagen inicial se pudiese distorsionar por efectos de dislexia asociativa, dando sentido a un nuevo patrón estilístico que mantiene elementos compositivos en sus estructuras anteriores pero a su vez modificado de forma consciente o inconsciente creando nuevas estilizaciones o variaciones de un mismo símbolo o icono, lo cual es fácilmente perceptible en el caso específico de los petroglifos ubicados en el centro de Colombia, en el Departamento de Cundinamarca en las provincias de Sumapaz, Tequendama y Alto Magdalena donde se puede rastrear y evidenciar como las mínimas variaciones de representaciones de la figura humana nos permiten ver no solo la ocupación de nuevos territorios sino que así mismo podemos ver como estas representaciones graficas sufren pequeños cambios alterativos o modificaciones personalizadas. Por ejemplo, la simple presencia de un punto en medio de las piernas de una figura humana difiere de la misma figura humana pero con dos puntos, uno de cada lado del

lado del estomago, encontrándose cada imagen en áreas geográficas diferentes, lo cual permite observar también un sentido propio de identidad con la imagen usada grupalmente pero que a su vez contiene una profunda carga subjetiva que lo diferencia de los demás.

Análisis interpretativo, abstracción y síntesis compositiva en el arte rupestre

Todo proceso de abstracción deriva en una síntesis minimizada y simplificada de rasgos y líneas que expresan y presentan por completo un concepto, fenómeno que conduce a una abreviación de rasgos específicos, donde solo se destacan las generalidades o estructuras compositivas más relevantes en cuanto a la forma o diseño. Es decir que las abstracciones en el arte rupestre son simplificaciones esquemáticas representativas que eventualmente nos permiten identificar elementos figurativos reconocibles, tales como: figuras humanas, escenas de cacería, culto y sucesos de vital importancia (guerras y fenómenos naturales), animales, cuadrúpedos, aves, representaciones solares y astrales; así mismo también existe un amplio porcentaje de grafismos y representaciones simbólicas que ante nosotros se tornan completamente abstractos y casi que indescifrables. Todas las estructuras iconográficas están basadas en síntesis y abstracción, pues técnicamente, en el caso de petroglifos, las limitantes técnicas para la representación son mayores que en las pinturas rupestres (pictografías), porque la técnica de gravar petroglifos mediante percusión (golpeteo y fraccionamiento) sobre la piedra no permite generar detalles específicos, teniendo en cuenta lo tosco de la técnica y lo áspero de las superficies, caso contrario de las pictografías donde los detalles y policromías destacan y confieren a la imagen de una fuerte carga simbólica y psicológica no solo por sus grafismos sino por la presencia misma del color, que transmite emoción.

Observaciones sobre las estrategias creativas y compositivas en el arte rupestre

Las estructuras narrativas o composicionales dentro del arte rupestre son estructuras orgánicas no lineales, las cuales nos remiten directamente a una simbiosis o enmarañamiento de símbolos en apoyo mutuo (Autopoiesis). Es decir que los paneles rupestres no tienen un solo punto de lectura o recorrido visual, es decir que cada uno de ellos opera de forma autónoma lo cual está completamente ligado con las características físico-geográficas del espacio a ocupar.

Estas estructuras composicionales están basadas en formas y biorritmos abstraídos de la naturaleza y el entorno, ya sea de forma: consiente, inconsciente o subconsciente (arte rupestre fosfático-asociado a uso de psicotrópicos). Dicha simbiosis de símbolos deriva en formas orgánicas que semejan estructuras arbóreas o radiales como si partiesen de un centro u origen común, el cual puede llegar a ser la imagen primigenia, el eje central del cual posteriormente se van derivando las diferentes ramificaciones, conexiones, empadronamientos y superposiciones que nos permiten evidenciar cronologías múltiples. También encontramos estructuras composicionales donde la dispersión lítica y grafica es muy amplia (caso particular petroglifos de Toro Muerto-Arequipa-Perú o los petroglifos de Salto-Uruguay) y por lo general son grandes roquedales con piedras sueltas. En este caso las composiciones complejas porcentualmente son menores, dando espacio así para imágenes sencillas y sueltas, las cuales deduzco que fueron seleccionadas dependiendo de la ubicación y forma de la piedra, evidenciando así una relación totémica.

Todas estas composiciones y estructuras creativas nos permiten observar la importancia de la relación fondo-forma (petroglifo-paisaje). Los petroglifos fueron emplazados o puestos de forma armónica con el paisaje y los elementos del mismo, lo cual le da vida propia a los petroglifos en un inagotable juego lúdico y mágico de luz y sombra que calibraba el giro elíptico y cíclico del planeta respecto al sol, es decir que los petroglifos están vivos y por tal manera es de suma importancia la vivencialización y experimentación de los locales rupestres, para entender las intrínsecas relaciones entre el paisaje y los grabados rupestres. En consecuencia, la parte vivencial y de permanencia en el lugar es de suma importancia, pues ello permite ver relaciones físico lumínicas, que mudan de acuerdo a la época y hora del año, permitiéndonos ver como los petroglifos están aun activos y comprender estas intimas interrelaciones espacio- geográficos, en términos de composición y estrategia creativa, al brindarnos claves para el entendimiento de estos enigmáticos iconos.

Registro, copia y transcripción de petroglifos

Para efectos del registro de material rupestre simultáneamente se realizan varios tipos de registro, con el ánimo de ampliar la visión del lugar y documentar de forma grafica ilustrativa los trabajos realizados:

- Fotografía analógica. Slides o diapositivas en cromo colorido.
 - Fotografía digital exposición diurna y nocturna con luz dirigida.
 - Video 8 mm Registro Documento gráfico del viaje.
-

- Frottage de petroglifo con carbón sobre tejido y fijado con semilla de aguacate.
- Acuarelas – Paisajismo y naturaleza de entornos rupestres (vivo)
- cuaderno de anotaciones de campo
- GPS Magellan sport rack

Metodología – Frottage

El frottage es una técnica tradicional de grabado utilizada para copiar texturas de altos y bajos relieves, en tamaño real. Se realiza mediante el friccionamiento de carbón, grafito, sepia o cualquier otro pigmento sólido que permita ser friccionado sobre tela. La técnica del frottage (del francés, frotar) fue muy empleada por los pintores surrealistas en la década de los años cincuenta con el fin de copiar texturas, formas, ritmos y superficies y a partir de ello recomponer sus creaciones surrealistas artísticas.

Frottage aplicado a petroglifos (técnica mejorada)

Para efectos de evitar cualquier tipo de contacto directo con el petroglifo he implementado algunos procedimientos, con el fin de proteger el grabado original y asegurar su integridad.

- Sobre el petroglifo, primeramente se instala un filme plástico de PVC bien fino con el ánimo de aislar el grabado de cualquier tipo de contacto directo con materiales.
 - Seguidamente se asegura el tejido (entretela) sobre el filme de PVC y a su vez sobre la piedra con cintas de tela.
 - Una vez asegurado el tejido se procede a friccionar o frotar en forma suave y circular sobre el tejido u entretela, apoyando el carbón con una muñequilla (soporte de tela) que facilita su friccionamiento, permitiendo el copiado de la textura de la piedra, junto con el petroglifo.
 - Una vez culminada y definida la imagen sobre la tela con carbón, se procede a friccionar de nuevo con semilla de aguacate, para fijar y estampar el carbón al tejido, de forma natural y definitiva. La mancha líquida que produce la fricción con la semilla del aguacate produce un fenómeno de oxidación que da como resultado un color ferroso en tonalidades naranjas, amarillas hasta marrones rojizos que impregnan los tejidos de una agradable carga cromática y que asemeja mucho a los líquenes y hongos que cubren los petroglifos. Este registro estético-arqueológico nos revela detalles e imágenes que muchas veces la fotografía ni a simple vista logra destacar.
-

Frottage registrado en composición natural

Son registros directos (*in situ*), complejas composiciones que ameritan ser registradas en su estado natural compositivo-tal cual como se encuentran en la piedra. En algunas ocasiones es necesario realizar ajustes secuenciales de soportes con dos o más tejidos simultáneos y así poder copiar paneles completos que permitan observar todas estas complejas y detalladas interrelaciones simbólicas y crono estilísticas, permitiendo vislumbrar y revelar parte de sus estrategias creativas, y patrones de comportamiento que son determinadas por tendencias identitarias iconográficas de, áreas culturales, ambientes y contextos socio geográficos de las diferentes áreas de estudio.

La composición natural, como documento grafico, es más descriptiva reveladora e interesante, al proporcionar información en secuencia y real, no fragmentaria como en el caso de la composición a criterio del artista.

Permitiendo de esta manera cuantificar relaciones tipológicas-iconográficas y así mismo analizar la correlación de tendencias y estilos tanto composicionales como técnicos y simbólicos entre diferentes áreas de estudio del continente Sur Americano.

Frotage registrado en composición a criterio del artista

Es un registro fragmentario, muy utilizado en grandes roquedales, donde la dispersión Lítica e iconográfica es muy amplia, caso particular de los petroglifos de Paidahuen – Aconcagua, IV región, Chile. El registro fragmentario a criterio del artista permite realizar mosaicos y muestras con diversas imágenes de un mismo local, permitiendo identificar así: grupos, patrones, estilos, formas recurrentes, tradiciones, tipologías y rasgos de parentesco mediante análisis comparativo iconográfico. Dichos registros a criterio representan pequeños cortes estratigráficos, que permiten extraer muestras específicas, para ser analizadas, comparadas y correlacionadas con otras. Permitiendo de esta manera rastrear y evidenciar diferentes ocupaciones y estilizaciones iconográficas.

Reactivar y divulgar la iconografía rupestre de los pueblos originarios de América del Sur

Presentar y exponer al público en general (estudiantes universitarios – escolares y publico nacional y extranjero) estos registros (frottages) de petroglifos en tamaño real, permite al observador relacionarse con las iconografías

rupestres desde otra mirada diferente de la fotografía, pues el lenguaje gráfico del frottage revela con riqueza de detalles las imágenes y permite una lectura más nítida y directa de los petroglifos, en sus reales dimensiones.

Presenciar conjuntamente estas iconografías rupestres de diversas latitudes y geografías del continente suramericano, es un verdadero viaje exploratorio introspectivo al pasado, un reencuentro con la cosmovisión y estética arquetípica universal que dejaron grabado sobre las rocas nuestros ancestros, miles de años atrás; estas iconografías rupestres de petroglifos son mensajes crípticos que se constituyen como la primera expresión pura del pensamiento de los pueblos originarios del continente Sur Americano. Por tal motivo es de vital importancia y necesario el promover y divulgar las presentes iconografías que se constituyen como la base fundamental y primordial de nuestra memoria e identidad cultural ancestral.

Los presentes registros fueron elaborados bajo la premisa fundamental de generar un gran mosaico de imágenes, lo más ampliamente heterogéneo posible, con el objetivo, de visualizar una gran variedad de iconografías que permitan revelar o vislumbrar parte del imaginario cosmovisional de los pueblos originarios de América del Sur, La selección de petroglifos registrados y a registrar se realiza de forma aleatoria y subjetiva, mediante método de estudio exploratorio, descriptivo y correlacional teniendo en cuenta sus valores estéticos, técnicos y simbólicos. Que expresan y relatan, eventos, sucesos, y fenómenos físicos que cautivaron la atención de nuestros ancestrales en la pre-historia.

Exposiciones itinerantes - Sur América Rupestre

Son exposiciones gratuitas sin fines lucrativos o comerciales, simplemente de difusión del patrimonio histórico cultural, exposiciones donde se presentan los resultados parciales registrados hasta el momento y son realizados en espacios convencionales (centros culturales, casas de la cultura, galerías, museos y memoriales) así mismo también en espacios no convencionales (escuelas rurales, comunidades indígenas, bancos) con el objetivo de sensibilizar al público y de esta forma realizar aportes a la divulgación de la iconografía rupestre Sur Americana, destacando de esta manera la importancia de la conservación y protección de este importante legado ancestral que forma parte del patrimonio histórico de la humanidad. Los locales rupestres donde se realizaron los presentes registros del gran imaginario cosmovisional Universal, se encuentran fragmentados y diseminados por todo el continente. La falta de protección y estudio por parte del Estado y sus moradores vecinos, ha permitido en gran parte la depredación y olvido de este patrimonio cultural.

Las presentes exposiciones son apoyadas visualmente con paneles fotográficos de los lugares de origen de las imágenes presentadas (frottages), así mismo apoyado mediante la presentación de un breve video documental del viaje y textos impresos que muestran explicativamente como se realiza el trabajo y la pesquisa misma, presentando al público a través de conferencias y conversatorios de este mensajero ancestral, detalles de un viaje por los Caminos prehistóricos de América del Sur, en búsqueda de la huellas de aquellos que se fueron, pero que aún continúan presentes con nosotros.

Interacción educativa rupestre

La interacción con el público es de vital importancia, pues por intermedio de ella la transmisión de conocimientos se torna más efectiva y clara, permitiéndole a los espectadores y al artista intercambiar ideas, pensamientos e informaciones que son de vital importancia para ampliar la mirada, conocimientos y conciencia de lo que acontece con el arte rupestre, no solo desde su fiscalidad-cuantitativa (ubicaciones – informaciones) sino también observar las reacciones y lecturas que el público hace desde sus propios puntos de vista psicológicos, espirituales e identitarios.

Son varias las formas de interacción educativa rupestre, que se han implementado con el ánimo de compartir los conocimientos y vivencias acontecidas en el desarrollo del periplo de este epopéyico proyecto, tales como:

-Visitas guiadas y coordinadas por el artista.

-Conferencias, charlas y conversatorios sobre arte rupestre, tanto en las exposiciones como, en escuelas y universidades públicas y privadas.

-Trabajos prácticos – Frottage en placas de arenito grabadas - con el objetivo de simular lo más realmente posible la técnica del frottage, técnica que es aplicable a la estampación de camisetas, tejidos y ropas con el fin de colocar en circulación libremente estas iconografías, permitiendo de esta manera efectuar una propagación iconográfica identitaria positiva. Dichas estamperías son efectuadas utilizando como pigmentos naturales semilla de aguacate, vástago de plátano, corteza se llenipapo, y demás frutas y semillas que realicen mancha definitiva y perenne sobre los tejidos o materiales utilizados.

-Donaciones para museos y municipalidades con el fin de promover y difundir las iconografías rupestres de su localidad, así mismo como forma de enriquecimiento del entorno (objeto decorativo) o panel temático informativo de la existencia de dichas expresiones rupestres en la municipalidad correspondiente.

Referências

AYTAI, D. As Gravações rupestres de Itapeva. **Revista da universidade Católica de Campinas**, v. 14, n. 33, p. 29-61, 1970.

CHMYZ, I. Breves notas sobre petroglifos no segundo plan paranaense (sítio PR-UV 5). **Revista do CEPA Curitiva**, n. 1, p. 53-63, 1968.

CHMYZ, I. Pesquisas de arqueologia histórica no Paraná. **Dedalo**, São Paulo, n. 24, p. 171-197, 1985.

GUIDON, N. Arte Rupestre uma síntese do proceso de pesquisa. **Arquivos do Museu de Historia Natural**, Belo Horizonte, v. 6-7, p. 341-351, 1981-2.

PEREIRA, E. **Arte rupestre na Amazonia**: Pará, Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi, São Paulo: Unesp, 2003. 245 p.

PEREIRA JUNIOR, J. A. **Introdução ao estudo da arqueologia brasileira**. Sao Paulo: Bentevenga, 1976. 261 p.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: UnB, 1992. p. 509-542.

RIBEIRO, P. A. M.; RIBEIRO, C. T.; PINTO, F. C. B. Levantamentos Arqueológicos no território federal de Roraima. 3ª etapa campo: 1987. **Revista do Cepa**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 19, p. 5-47, 1989.

ROHR, J. A. **Petroglifos de ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes**. São Leopoldo, RS: Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 19, 1969.

SILVA, M. M. de C. As gravuras do complexo Montalvania. Vale do Rio Cocha- MG. **Arquivos do Museu de Historia Natural**, Belo Horizonte, v. 17/18, p. 287-329, 1996-7.

SOLÁ, M. E.C. Memória da prospecção arqueológica de 1977 na região cárstica de Montalvania-MG. **Arquivos do Museu de Historia Natural**, Belo Horizonte, v. 17/18, p. 75-126, 1996-7.

VALENCIA, J. R. (Coord.). **Herança**: a expressão visual do Brasileiro antes da influencia do europeu. São Paulo Empresas Dos, 1984. 152 p.

FERNANDEZ, R. S. **Método de la investigación**. 3. ed. Nova York: Mc Graw Hill, p. 30-31, p. 86-89, p. 114-123, p. 126-129, p. 132-133, 2004.

Sobre os autores

Alexandro Machado Namem

Antropólogo e Professor Adjunto de Antropologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR) (e-mail: alexandronamem@hotmail.com). Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelas bolsas de estudo concedidas de 1998 a 2001, durante curso de doutorado não concluído na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); aos colegas do Departamento de Ciências Sociais da UFRR, pelas sucessivas liberações de 2002 a 2007, para a realização de trabalhos de campo entre os Laklânô; aos colegas Gustavo Lins Ribeiro (Universidade de Brasília-UnB), Marco Antonio Lazarin (Universidade Federal de Goiás-UFG) e Antonio Carlos de Souza Lima (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro-MN/UFRJ), pelos diálogos e apoios ao longo de muitos anos; aos colegas do doutorado Sidnei Peres (Universidade Federal Fluminense-UFF), da Unicamp, e Marcela S. Coelho de Souza (UnB), em disciplinas no Museu Nacional; aos amigos e/ou colegas que leram versões anteriores deste texto, inclusive pelas sugestões nem sempre incorporadas; ao amigo Sávio L. Sens (Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUC/PR), pela convivência nesses 10 anos em que nos conhecemos e pelos apoios nas horas em que mais precisei; à Onadir e ao Gerson Dietrich, bem como à família Davi Vinci, em Ibirama (SC), pela amizade e por tudo que fizeram por mim; e ao Rodrigo Paranhos Faleiro (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-Ibama), Cristhian Teófilo da Silva (UnB) e Stephen G. Baines (UnB), por publicarem este texto. Ao último, também, pela amizade e pelos diálogos e apoios ao longo de muitos anos; dedico este texto à Vanessa Lea (Unicamp), à Lana Araújo, ao Rafael José de Menezes Bastos (Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC), à minha avó materna Maria Lúcia da Silva Machado (in memoriam), às minhas mães Laklânô Iocô Uvânhecû e Aneglon Ndili, e aos meus netos Lucca Giacomazzi Picon e Sara Feijó.

Claudia López Garcés

Antropóloga, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG); professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (PPGCS/UFPA). clapez@museu-goeldi.br

O artigo está baseado na pesquisa entre os Ticuna da trifronteira Brasil/Colômbia/Peru para o Doutorado em Antropologia pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre América Latina e o Caribe (CEPPAC), da Universidade de Brasília (UnB) (2000),

e numa pesquisa entre os Galibi do Oiapoque, na fronteira Brasil/Guiana Francesa, efetuada entre os anos 2001-2002. Agradeço à Capes pela bolsa de doutorado e ao CNPq pela bolsa para efetuar a pesquisa na fronteira Brasil/Guiana.

Cláudia Tereza Signori Franco

Possui Graduação e Pós-Graduação em Antropologia Social pelas Universidades de Brasília (UnB) e Católica de Brasília (UCB); Especialização em Gestão Ambiental e Ordenamento Territorial pela UnB e Mestrado (bolsista Capes) em Planejamento e Gestão Ambiental pela UCB. Atua como coordenadora de projetos do Instituto Etno Ambiental e Multicultural Aldeia Verde - IEMAV, onde realiza a implementação e o monitoramento de projetos de desenvolvimento junto aos povos indígenas e comunidades tradicionais. Tem experiência na área de Antropologia Social, com ênfase em política indigenista, atuando principalmente nos seguintes temas: Planejamento e gestão ambiental em terras indígenas (TIs), Levantamento de Impactos Socioambientais em TIs, Levantamento Demográfico e Fundiário em TIs, Antropologia & Meio Ambiente, Organização Social Indígena e Sistema de Monitoramento e Avaliação de Projetos de Etnodesenvolvimento.

Cloude de Souza Correia

Possui doutorado em Antropologia pelo PPGAS/UnB, concentrando-se nas áreas de Antropologia Ecológica, Sociedades Complexas, Relações Interétnicas e Cartografia Social. Atua principalmente com os seguintes temas: povos indígenas, mapeamentos participativos, unidades de conservação, conflitos socioambientais, gestão territorial e processos fundiários. Nos últimos anos, prestou diversas consultorias para organizações não governamentais e órgãos dos governos Federal e Estadual com o propósito de contribuir com a consolidação de processos de regularização fundiária de terras indígenas e de ações de gestão territorial junto a povos indígenas da Amazônia. Em atividades de docência esteve vinculado ao curso de Comunicação das Faculdades Integradas ICESP por quatro anos. Atualmente, é coordenador de projetos do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), atuando junto a povos indígenas situados em estados da Amazônia brasileira: Rondônia, Amazonas, Acre e Pará. Como coordenador organiza cursos e seminários relacionados com a temática da gestão territorial indígena e do fortalecimento institucional de associações indígenas. Relações Interétnicas; Antropologia Ecológica; Sociedade e Meio Ambiente e Antropologia Política.

Cristhian Teófilo da Silva

Graduado, Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), onde é Professor no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC). Atualmente, realiza pesquisas comparadas sobre movimentos indígenas,

políticas indigenistas e indigenismo no Brasil e no Canadá, com ênfase nas relações entre maiorias nacionais e minorias étnicas. silvact@unb.br

David Ivan Rezende Fleischer

Trabalha para a Fundação Interamericana (IAF) como representante para o Brasil e o Uruguai. Foi Diretor Executivo da Associação de Estudos Brasileiros (Brasa) e Coordenador do Instituto Lemann de Estudos Brasileiros na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign. Trabalhou no Programa- Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7), no Programa de Pequenos Projetos (PPP) e outros projetos do Fundo Mundial de Meio Ambiente (GEF) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). É doutor em Antropologia pela University at Albany (SUNY-Albany) e mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). David lecionou Antropologia em universidades americanas e desenvolveu pesquisas sobre a relação de projetos de conservação ambiental com projetos de desenvolvimento comunitário de ecoturismo. Atualmente, na IAF, coordena projetos de desenvolvimento de base no Brasil e no Uruguai.

Gersem José Santos Luciano dados

É índio Baniwa, graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (1995) e mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2006). Foi membro do Conselho Nacional de Educação no período de 2006 a 2008. Atualmente é doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, Coordenador-Geral de Educação Escolar Indígena do Ministério da Educação e Diretor Presidente do Centro Indígena de Estudos e Pesquisas (Cinep). Tem experiência na área de Educação, Gestão de Projetos e Desenvolvimento Institucional com ênfase em Política Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: educação indígena, política indigenista, movimento indígena, desenvolvimento sustentável e povos indígenas.

Isis Maria Cunha Lustosa

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/IESA/UFG. Mestre em Geografia/IESA/UFG. Especialista em Turismo e Meio Ambiente/UECE. Membro do Grupo de Pesquisa Geografia Cultural: Território e Identidade/IESA/UFG. Colaboradora no projeto As Identidades Sociais e suas Formas de Representações Subjacentes nas Práticas Culturais/IESA/UFG, e no projeto A Dimensão Territorial das Festas Populares e do Turismo: Estudo Comparativo do Patrimônio Imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, pela UFG/UFS/UFC. Técnica Especializada em Programa de Cooperação Internacional/MMA/PDA.

Jaime Garcia Siqueira

Doutor em Antropologia Social pela UnB com mestrado também em Antropologia Social pela USP. É professor adjunto da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA),

coordenador de projetos do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e atualmente trabalha como coordenador-geral substituto da Coordenação-Geral de Gestão Ambiental da Funai (CGGAM). Este artigo é baseado em sua tese de doutorado (2007) e seus principais temas de interesse são as configurações contemporâneas dos movimentos indígenas no Brasil, como eles têm lidado com a questão ambiental e o papel do antropólogo diante desses movimentos e das políticas de Estado.

Josué Tomasini Castro

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB); bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desde 2005 trabalha junto às comunidades Herero na Namíbia. Principais publicações: *Vá e conte ao seu povo: interpretações e mediações no trabalho antropológico*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia, v. 3: p. 79-91, 2008; *Sincretismo e Resistência: o caso africano da igreja Oruuano*. Campos (UFPR), v. 9, p. 131-157, 2008; *What's your Nation? Nationalist Itineraries in Namibian History*. Vibrant (Online), v. 5, p. 128-146, 2008.

Katianne de Sousa Almeida

(e-mail:ksantropologia@gmail.com) Mestranda em Antropologia Social da Universidade Federal em Goiás. Especialista em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás em 2009. Possui graduação em Antropologia (bacharelado), 2006, e Ciências Sociais (licenciatura), 2005, pela Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Arte Indígena, Patrimônio e Museologia, Revitalização Urbana, Urbanismo, Gênero, Sexualidade e Mídia. Atualmente trabalha como Analista Legislativa na Comissão de Saúde e Promoção Social da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás. Atua principalmente nos seguintes temas: Direitos Humanos, Políticas de Saúde para Mulheres, Assessoramento Temático às demandas do Legislativo Goiano.

Leonardo Schiocchet

Ph.D. em Antropologia Social, Boston University (depois de 1º de maio de 2010). Junior Visiting Fellow do Institut für die Wissenschaften vom Menschen, Viena (IWM) (até 30 de junho de 2010).

Luis Cayón

Antropólogo pela Universidad de Los Andes, Bogotá, Colômbia, (1998), Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2005) e Doutorando em Antropologia Social pela mesma instituição. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É autor do livro *En las aguas de yuruparí. Cosmología y chamanismo Makuna* (2002) e coautor do livro *Etnografía Makuna. Tradiciones, relatos y saberes de la Gente de Agua* (2004). É autor de vários

artigos em capítulos de livros e periódicos nacionais e internacionais, principalmente na área de Etnologia Indígena.

Luís Guilherme Resende de Assis

Doutorando em Antropologia Social; bolsista CNPq. Artigo baseado na monografia de graduação (Resende de Assis, 2004) e no artigo de seleção de mestrado da UnB escrito em 2004. Atualmente, desenvolve pesquisa na Antártida junto a cientistas, militares e alpinistas.

Maria Inês Smiljanic

Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília e professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná. Desenvolve pesquisa entre os yanomães do Alto Toototobi e entre os Yanomami de Maturacá. Coordena a equipe associada do PPGAS-UFPR no Projeto de Cooperação Acadêmica: Etnologia Indígena e Indigenismo – novos desafios teóricos e empíricos, financiado pela Capes.

Maxim Repetto

Bacharel em Humanidades com menção em História - Universidade do Chile (1994), Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1997) e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2002). Atualmente é professor Adjunto III na Universidade Federal de Roraima/UFRR, atuando como professor no Curso de Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena. Realiza Pós-Doutorado no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropologia Social (CIESAS, DF- México), com Bolsa Capes/MEC/Brasil (2009-2010). Tem experiência na área de Antropologia Política, Antropologia da Educação, Políticas Indigenistas e Indígenas, Movimentos e Organizações Indígenas, Etnologia Indígena e Povos Indígenas em Roraima, educação escolar indígena, com ênfase na Formação de Professores Indígenas, plano de manejo ambiental e etnomapeamento de terra indígena e assessoria em projetos sociais a organizações indígenas.

Rodrigo Pádua Rodrigues Chaves

Possui graduação em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília (1997) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2004). Possui 14 anos de experiência na área de Antropologia Social, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: identificação de terras indígenas, prática antropológica, política indigenista, estudos etnoecológicos de terras indígenas e turismo étnico.

e-mail: rodrigo.chaves73@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2730318839586069>

Rodrigo Paranhos Faleiro

Cursa Doutorado no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da UnB, onde pesquisa grupos indígenas que vivem em áreas protegidas nas fronteiras da Amazônia. Recebeu o título de Mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (2005), com a dissertação *Unidade de Conservação versus Terra Indígena, um Estado em conflito: estudo da influência da pessoa na gestão pública*. Cursou especialização e aperfeiçoamento na Unicamp/Nepam, monografia *Viabilidade do Ecoturismo no Parque Nacional Chapada dos Veadeiros* (1999); Unicamp/Nepo, *Vetores de Desenvolvimento da Região Norte* (1998); Cesape, *Jalapão: a última fronteira* (1990); Usaid/IIEB, *Proposta de um procedimento para a criação de unidades de conservação*, entre outros cursos. Possui seis capítulos publicados em livros (dois outros em fase de publicação no México e nos Estados Unidos), duas dezenas de trabalhos acadêmicos apresentados e publicados em Anais de eventos nacionais e internacionais, e vários outros trabalhos técnicos na área de meio ambiente, populações tradicionais e povos indígenas. Atualmente, está organizando um livro sobre Ecoturismo em Áreas Protegidas com o professor Paul E. Little (UnB) e David Ivan R. Fleischer (Suny), com o qual coordenou três discussões sobre o tema na Reunião de Antropologia Equatorial em Sergipe (2007), Encontro da Associação Americana de Antropologia em San Francisco (2008) e, em junho, no Congresso Internacional de Americanistas no México (2009). Além dessas atividades, trabalhou no Projeto Catalisando as contribuições das Terras Indígenas para a conservação dos ecossistemas florestais brasileiros, na Cooperação Brasil/França em Áreas Protegidas, no Plano de Administração da Área sob Dupla Afetação pelo Parque Nacional Monte Roraima e a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, no Programa de Áreas Protegidas da Amazônia, no Projeto de Conservação do Cerrado no Jalapão, entre outros.

Santiago Plata Rodríguez

Profissional independente do setor de Artes Interpretativas.

Sílvia Guimarães

Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília, professora adjunta do Curso de Saúde Coletiva, Campus Ceilândia/Universidade de Brasília. Atua na área de Etnologia Indígena, especialmente nas discussões sobre corporalidade e xamanismo. Este trabalho está baseado em pesquisa de campo realizada entre os Sanumá-Yanomami.

Stephen Grant Baines

Professor Associado do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), Pesquisador 1A do CNPq. Graduado (BA Hons. em Árabe e Sociologia da Religião), University of Leeds, Inglaterra (1971), M.Phil. em Antropologia Social pela University of Cambridge, Inglaterra (1980), e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1988) e Pós-Doutorado (UBC, Canadá; e ANU, Austrália, 2009-2010). É brasileiro naturalizado. Tese de doutorado: *É a Funai que Sabe: A*

Frente de Atração Waimiri Atroari, publicada em forma de livro, em 1991, pelo Museu Paraense Emílio Goeldi/CNPq. Possui diversas publicações em periódicos nacionais e internacionais na área de Etnologia Indígena, Identidade e Relações Interétnicas, Antropologia Política, Povos Indígenas e os Impactos de Grandes Projetos de Desenvolvimento Regional, e Etnicidade e Nacionalidade em Fronteiras. Projeto de Pesquisa atual: Etnologia Indígena Comparada: Brasil – Austrália – Canadá (com pesquisas etnológicas com povos indígenas), pesquisa junto aos povos makuxis e wapichanas sobre etnicidade e nacionalidade na fronteira Brasil/Guiana desde 2000; e acompanhamento da situação dos Tremembé do litoral do Ceará desde 2000. Desde janeiro de 2008 atua sobre a situação de indígenas no sistema penitenciário de Boa Vista/Roraima. Coordenador fundador do Geri em 1997.

Thaís Teixeira de Siqueira

Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília (2006/2010). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás (2002) e mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília (2006). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Comunidades Quilombolas e Cultura Popular, atuando principalmente nos seguintes temas: patrimônio imaterial, INRC (Inventário nacional de referências culturais), turismo cultural, festa, memória, musicalidade, folias, racialidade e pós-colonialidade.

Thiago Ávila (*in memoriam*)

Possuo graduação em Antropologia pela Universidade de Brasília (2001) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2004). Atualmente sou antropólogo consultor da ACT Brasil (Equipe de Conservação da Amazonia). Minhas experiências profissionais são na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: política interétnica, povos indígenas, biopirataria, conhecimento tradicional associado a recursos genéticos, krahô e indigenismo. Atuei como assessor de organizações indígenas, organizações não-governamentais indigenistas e órgãos governamentais.

Sobre o Grupo de Estudos em Relações Interétnicas

O Geri é um grupo de estudos dedicado ao estudo amplo das relações interétnicas. Nosso propósito é a produção e divulgação do conhecimento produzido por estudantes, pesquisadores e profissionais de diferentes áreas e campos de atuação.

O Grupo de Estudos em Relações Interétnicas (Geri) foi formado em 1997 por estudantes e pesquisadores de graduação e pós-graduação do Departamento de Antropologia (DAN) e do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC), da Universidade de Brasília (UnB), tendo como Coordenador o Prof. Dr.

Stephen Grant Baines e a colaboração de Maxim Repetto, na época, mestrando em Antropologia.

Desde sua criação buscamos abrir um espaço crítico de diálogo acerca de temas referentes às relações interétnicas em termos abrangentes, sendo estimulada a divulgação de trabalhos em nosso Boletim e a participação em nosso programa de seminários.

Vários projetos de pesquisa foram iniciados e realizados a partir das discussões do Geri, o que viabilizou a elaboração de monografias de graduação e pós-graduação, artigos e a organização de grupos de trabalho em congressos científicos. Parte desses resultados podem ser acessados através do Boletim Anual do Geri disponível em nossa página.

Venha conhecer o Grupo de Estudos em Relações Interétnicas (Geri). Apresente seus trabalhos e publique seus textos na Interétnica – Revista de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas.

<http://e-groups.unb.br/ics/dan/geri/index.php?page=0>

O IEB

O Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) é uma associação civil brasileira sem fins lucrativos, voltada para a capacitação e formação de pessoas ligadas à conservação ambiental, tendo como eixos a capacitação técnica, institucional e política.

Criada em 1998 e sediada em Brasília-DF, a entidade se destaca por uma atuação que considera e estabelece pontes entre a conservação dos recursos naturais e as dimensões econômicas, sociais e culturais da sustentabilidade, buscando fortalecer as comunidades locais.

Promovendo autonomia na gestão dos seus territórios e dos recursos naturais com participação, diálogo permanente, valorização das diferenças e incentivo à atuação das populações locais, o IEB desenvolveu uma reconhecida *expertise* em processos de articulação entre setores que, historicamente, têm tido dificuldade de aproximação e diálogo.

Os programas e projetos da instituição atendem indivíduos que atuam com a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável, em suas diversas interfaces, com foco no bioma amazônico. Desse público destacam-se: comunidades extrativistas, assentados, populações indígenas, profissionais e estudantes da área ambiental.

Missão

Capacitar, incentivar a formação, gerar e disseminar conhecimentos e fortalecer a articulação de atores sociais para construir uma sociedade sustentável.

